

JORNAL DO CINE-TEATRO PARAÍSO DE TOMAR CENTENÁRIO

1924-2024

Número Único | Tomar, 1 de março de 2024



Editorial

A instalação de uma sala de espetáculos em Tomar remonta à primeira metade do século XIX com a criação do *Theatro Nabantino*. A documentação coeva deste período menciona que a extinta *Academia Philharmonica Thomarense* foi convidada para a inauguração do espaço em 1843. Ali se realizaram vários certames musicais e teatrais, cinematógrafos e animatógrafos, beneficiando de iniciativas promovidas por organizações e associações tomarenses. O papel desempenhado pelo tecido comercial, proprietários e outros notáveis do quadro local, contribuíram para dotar o edifício de melhores condições para o funcionamento condigno. Desde logo, através da Empresa Fonseca Soares & Companhia, criada em 1919, que

ficou responsável pela gestão do equipamento cultural e das obras de remodelação e requalificação nos anos 20 e 40 do século XX. No final da década de 90 do século XX, o Município de Tomar viria a adquirir o Cine-Teatro Paraíso, iniciando um novo ciclo de práticas artísticas em colaboração com a comunidade, várias redes e parcerias que têm contribuindo para uma programação cultural diversificada. Neste jornal evocativo do centenário do Cine-teatro percorremos os diversos ciclos históricos do edifício – inaugurado a 24 de março de 1924 –, e prestamos homenagem aos principais impulsionadores da iniciativa, entre os quais Jaime de Oliveira.



ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Do Theatro Nabantino ao Cine-Teatro Paraíso

A criação de um espaço que disponibilizasse espetáculos de fruição cultural e artística à comunidade tomarense surge no final da primeira metade do século XIX, concretamente em 1843. Nas Atas da *Academia Philharmonica Thomarense*, faz-se referência a uma carta da Comissão Diretora do então *Theatro Nabantino* com um convite para a noite de abertura do referido teatro.

Nos anos oitenta do século XIX o edifício beneficiou de avultadas obras e, a 6 de janeiro de 1892, viria a reabrir portas ao público com uma récita de amadores. Faziam parte da Comissão Diretiva do Teatro Nabantino os tomarense João de Almeida Xavier, João Torres Pinheiro, José Joaquim de Araújo e José Alves Casquilho.

Apesar dos esforços para dotar o *Theatro Nabantino* de melhores infraestruturas, as condições de segurança e comodidades para os espetadores agravaram-se no início do século XX. Ainda assim, continuaram a realizar-se espetáculos de beneficência e saraus dramático-musicais, como os que eram anualmente promovidos pela *Serenata Tomarense*.

No último ano da monarquia, um grupo de tomarense sentiu a necessidade de criar uma empresa

cinematográfica com o intuito de modernizar e desenvolver a indústria de espetáculos na cidade, nascendo, assim, o *Salão Paraíso*, atual Café Paraíso.

Desta forma, funcionaram em simultâneo duas salas de espetáculo ao longo de uma década, sensivelmente: o *Theatro Nabantino*, com problemas de funcionamento que se vinham arrastando desde os finais do século XIX, e o *Salão Paraíso*, cuja programação privilegiava as chamadas *fitas de arte*, o cinema mudo e espetáculos de teatro declamado ou musicado, entre outros eventos.

Em 1919, formou-se uma empresa com o objetivo de adquirir e reconstruir o *Theatro Nabantino*, constituída pelos seguintes membros: Américo Gonçalves Calado, Carlos Alberto da Fonseca, Jesuíno José Hermenegildo, José Rosa, José de Sousa Soares, Silvestre Pereira Prista, João Duarte Coimbra, Manuel Cândido da Mota e Manuel Carrão de Oliveira.



SABIA QUE CURIOSIDADES

A sétima arte em Tomar



O Cinema na sua forma primária (projeção de imagens paradas), terá sido visto pela primeira vez em Tomar a 14 de novembro de 1901, no Teatro Nabantino, apresentado pelo francês Mr. Bessone. A partir de julho de 1905, no Chalet-Theatro Luzitano instalado na Várzea Grande, realizaram-se vários espetáculos que constavam de animatógrafo, cançonetas e prestidigitação, através da projeção de imagens animadas.

Em dezembro de 1907, chegou à cidade o proprietário do “kinematographe”, um aparelho de projeção de vistas animadas, com vista à realização de algumas sessões no ano seguinte. Para o efeito, foi construído na Várzea Grande um barracão que viria a transformar-se no Teatro Chalet Dramático.

A 21 de janeiro de 1909 é inaugurado o Salão Paraíso de Thomar com a projeção de fitas.

NOTAS DA IMPRENSA

Era da maxima conveniência que o sr. Administrador do concelho todas as vezes que haja espectáculo no theatro Nabantino, mande para a plateia um ou dois policias, para evitar d'esta maneira que alguns graciosos transformem o theatro em praça de touros, onde cada um diz e faz o que quer. Se isto se continuar é provável que em pouco tempo esteja transformado em sala de espectaculos só para homens. Tomando fé que o inteligente e digno administrador sr. Dr. António da Silva Teixeira fará entrar na ordem os turbulentos espectadores, para que os chefes de família possam ficar sabendo, se podem ou não, de futuro, ali levar suas esposas e filhas.

In *A Verdade* nº1084, 10 de fevereiro de 1901, p.3.

Theatro Nabantino- Realizou-se na passada quinta-feira, n'este theatro o primeiro espectáculo Cinematographo, apresentado por Mr. Bessone. O programma, que era dos mais attrahentes, foi executado por completo. Algumas das vistas apresentadas são d'um effeito surpreendente. Hontem realizou-se outro espectáculo, com um novo programma que constava de 60 quadros diferentes e escolhidos a capricho. Hoje realisa-se o terceiro e ultimo espectáculo, também com um variado programma. É pois de esperar grande concorrência de espectadores. A Mr. Bessone e seus companheiros agradecemos o bilhete que foi offerecido a esta redacção.

In *A Verdade* nº1124, 17 de novembro de 1901, p.3.

O Cine-Teatro na primeira metade do século XX



Através da ação da Empresa Fonseca Soares & Companhia, as duas salas de espetáculo existentes, Teatro Nabantino e Salão Paraíso, fundiram-se numa só, tendo como objetivo principal dotar a cidade de um único espaço condigno. A 20 de março de 1922, a Câmara Municipal de Tomar concedeu licença à empresa para reconstruir a frontaria do Teatro. O responsável pelo projeto foi o Arquiteto Deolindo Vieira que, apesar dos desafios impostos pela irregularidade do terreno, conseguiu uma obra conceptualmente simples, sóbria e distinta. A abertura da sala ao público decorreu a 1 de dezembro de 1923, no entanto, a inauguração oficial decorreu a 24 de março de 1924, pois só nesta data estavam finalizados os acabamentos decorativos na sala grande.

Durante a primeira metade do século XX, as associações culturais tomarenses contribuíram para a realização de vários espetáculos musicais e teatrais. A *Sociedade Promotora de Concertos*, fundada em 1924, promoveu o ciclo de concertos da chamada música erudita, convidando para o efeito nomes consagrados no panorama artístico nacional, como Viana da Mota, Francisco Benetó, Luiz Barbosa e Nicolino Milano.

NOTAS DA IMPRENSA

Novo Teatro

Está anunciada para breve a inauguração da próxima época no novo teatro. Sabemos que isto não corresponde à inauguração oficial, e que esta só se efectuará, quando estiverem concluídas as obras decorativas que se projetam (...) Na rápida visita que fizemos ao novo teatro troxemos tão agradáveis impressões que francamente desejamos que cousa alguma venha quebrantar a boa disposição de que está animada a Empresa para levar até final a conclusão de tão útil empreendimento para a realização do qual a Empresa não se tem poupado aos maiores esforços. Todas as dependências do

novo teatro estão dispostas de forma a satisfazerem as exigências do teatro moderno. O palco é muito vasto e disposto de maneira a permitir a montagem de todos os senarios; tem belos camarins com boas serventias e muito bem iluminadas; o seu conjunto, parece-nos, deve satisfazer não só os espectadores como os artistas; achamos n'uma palavra, uma obra completa. O teatro é um organismo necessario á ilustração dos povos, é tambem um centro de reunião onde nos devemos apresentar com compostura e devemos considera lo como couza que devemos a nós mesmos;

In *Ecos de Tomar*, Ano IV, 18 de outubro de 1923, p.1.



Pelo Teatro – A Companhia Aura Abranches virá ainda este mez a Tomar. Confirma-se a notícia, ha tempo publicada por este jornal, da vinda a esta cidade, da Companhia Aura Abranches, noticia que por certo é recebida com grande jubilo, por parte das pessoas de bom gosto e que verdadeiramente apreciam o bom teatro. Trata-se efectivamente da melhor e mais bem organizada Companhia que tem feito a temporada em Lisboa, este ano. (...) Aurora Abranches far-se ha acompanhar por todos os artistas que actualmente com ela trabalham no Trindade, destacando-se entre outros, os seguintes nomes: Adelina Abranches, Celeste Leitão, Sacramento Monteiro, Henrique D'Albuquerque, e Henrique Alves. Merece pois a Empreza todos os louvores do publico culto, tanto mais que a deslocação d'uma Companhia desta importancia traduz na época que atravessamos encargos pesadíssimos, que estamos convencidos, e apesar de tudo serão em parte justamente compensados.

In *Ecos de Tomar*, nº97, Ano IV, 13 de março de 1924, p.2.

CURIOSIDADES

Tomar foi a quarta cidade do país a organizar concertos da chamada música erudita, depois de Lisboa, Porto e Coimbra.

Em setembro de 1928, por ocasião da inauguração do ramal Lamarosa/Tomar, organizou-se um *Serão de Arte*, com a participação de músicos locais, como Augusto Mota Lima e Fernando Lopes-Graça, num espetáculo que contou com a participação da atriz Palmira Bastos.

A 26 de outubro de 1930, a Empresa do Cine-Teatro convida a imprensa para ver alguns filmes sonoros.

O *Orfeão Tomarense*, que tinha como diretor artístico Aquiles da Mota Lima, apresentou várias revistas nos anos 30, como “Água” (1932), “Revista”, em três atos (1934), “Voz de Sangue” (1935) e “Lá Vai Água” (1936). Em 1941 o Regimento de Infantaria 15 organizou um concerto sinfónico que contou com a participação da Banda Regimental e de um Orfeão do Regimento.

Em 1944 o Cine-Teatro Paraíso de Tomar encerrou para obras de remodelação no seu interior, sob a responsabilidade do arquiteto Camilo Korrodi. Reabriu portas a 18 de dezembro de 1947. Durante o hiato temporal em que decorreram as obras, as sessões de cinema realizaram-se na Várzea Grande e no Mouchão, também chamado Cine-Parque Municipal.





Da segunda metade do século XX aos dias de hoje

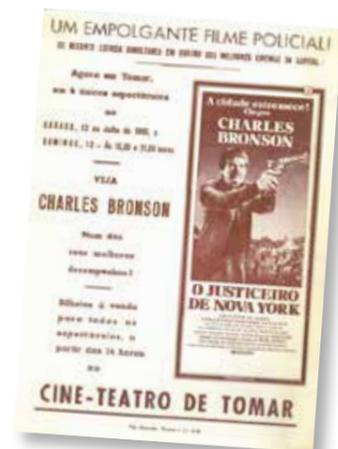
Com as profundas transformações sociais, políticas e económicas ocorridas nas décadas de 60 e 70 e o desenvolvimento e democratização da indústria do disco, cinema, da rádio e o aparecimento da televisão, assistiu-se a uma progressiva desvalorização da sala do Cine-Teatro. De facto, estes fatores concorreram para alterações estruturais que influenciaram na programação e funcionamento do espaço. Ainda assim, assinalam-se espetáculos de referência no período mencionado, entre os quais, o concerto da Orquestra Gulbenkian a 6 de maio de 1972 ou a noite de ópera pela Companhia de Teatro S. Carlos. A 31 de julho de 1991, a gerência constituída por Jaime de Oliveira e o seu cunhado António José Magalhães, vê-se obrigada a encerrar o Cine-Teatro Paraíso de Tomar. Depois de alguns anos em que decorreram negociações com a Empresa detentora do equipamento cultural, a Câmara Municipal de Tomar delibera adquirir o edifício, assinando o acordo a 14 de julho de 1997.

A inauguração oficial, após novo projeto de remodelação, aconteceu a 1 de março de 2002, dia de Tomar, reabrindo, novamente, portas ao público.

Tem capacidade para 410 pessoas e ao longo dos

últimos vinte anos tem vindo a desenvolver uma estratégia programática de oferta cultural regular diferenciada para aceder aos mais diversos públicos, como música, teatro e dança. As sessões de cinema comercial retomaram em 2020, depois de uma pausa de seis anos.

Tem vindo a desenvolver a formação de públicos e o envolvimento da comunidade através da estreita ligação com as escolas, destacando a sua integração no Plano Nacional das Artes, colaborando com os Agrupamentos de Escolas e o Plano Nacional de Cinema. Além do mais, promove a valorização do trabalho artístico e criativo da comunidade através da criação de condições para a apresentação de produções locais. É uma estrutura financiada pela DGArtes, fazendo parte da Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses (RTCP). Integra ainda a Artemrede sendo, deste modo, beneficiário das sinergias geradas entre as estruturas culturais afins.



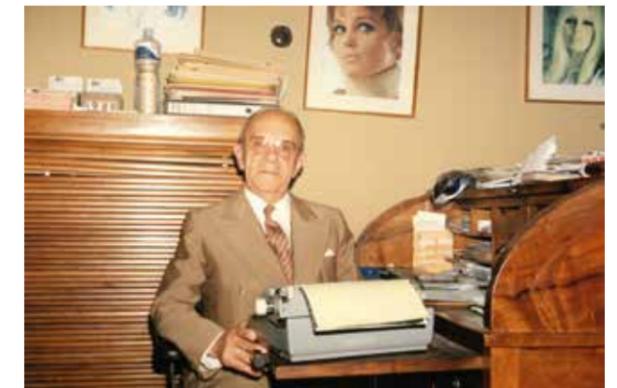
JAIME DE OLIVEIRA

uma figura incontornável da história do cinema e do teatro em Tomar

Jaime de Magalhães Abreu Marques e Oliveira, filho de Luís de Oliveira e de Cecília Francelina Abreu Marques de Oliveira, nasceu em 1911, no dia 4 de janeiro, na Fábrica de Papel de Marianaia, onde seu pai trabalhava como papeleiro. Com dez anos ingressou no Colégio Militar e, aos 16 anos, entra para a Fábrica Mendes Godinho, tornando-se, mais tarde, secretário de Administração, atividade que manteve até 1989.

Casou em 1930 com Alda Magalhães Soares de Oliveira, filha de José de Sousa Soares, um dos principais sócios-gerentes do Cine-Teatro de Tomar. A partir de 20 de janeiro de 1946 inicia a sua atividade na empresa gestora deste equipamento cultural, na qualidade de secretário e, a 24 de novembro de 1958, é nomeado gerente da sociedade.

Nas décadas de sessenta a noventa do século XX, foi o responsável por trazer ao Cine-Teatro o melhor do cinema disponível em Portugal, mas também muitas das melhores peças de teatro do país, numa época em que era muito difícil ter acesso a espetáculos de qualidade fora de Lisboa. Criou sessões gra-



tuitas de cinema para as crianças – atividade que se mantém em tributo do mentor –, iniciativa que contribuiu para que Tomar ganhasse muitos adeptos da sétima arte.

Por ocasião dos 20 anos de reabertura do Cine-Teatro, decorreu a 27 de fevereiro de 2022 uma homenagem póstuma a Jaime de Oliveira. Anteriormente, o Município de Tomar reconhecera a importância do seu papel, premiando-o postumamente com a Medalha de Valor e Altruísmo.



NOTAS DA IMPRENSA

“(...) ele foi o regular e diligente fornecedor das experiências visuais que os tomarenses usufruíram num dado momento histórico. E fê-lo sempre, com mais entusiasmo e consolação interior, do que com cálculos de vantagem financeira”

(Luís Maria Graça, in *Cidade de Tomar*, sexta-feira, 8 de março de 2002, p.14).

“A Sua apresentação física, sempre muito cuidada, evocava um cosmopolitismo muito lusitânico e as estações do ano reviam-se no seu vestuário, dos sapatos a duas cores, no Verão, as luvas de Inverno: um gentleman”

(Luís Maria Graça, in *Cidade de Tomar*, sexta-feira, 16 de maio de 2003, p. 5).



CRONOLOGIA

1843	Inauguração do Teatro Nabantino.	1924	Inauguração oficial da reabertura do Cine-Teatro.
1892	Nos anos oitenta do século XIX o edifício beneficiou de avultadas obras.	1944	O Cine-Teatro Paraíso de Tomar encerra para remodelação no seu interior, sob a responsabilidade do arquiteto Camilo Korrodi.
1901	Foi pela primeira vez apresentado o Cinema na sua forma primária (projeção de imagens paradas), por Mr. Bessone, no Teatro Nabantino.	1947	O Cine-Teatro reabre as suas portas.
1905	Inauguração do Chalet-Theatro Luzitano, instalado na Várzea Grande.	1991	A gerência constituída por Jaime de Oliveira e o seu cunhado António José Magalhães, encerra o Cine-Teatro.
1907	Criação do Teatro Chalet Dramático.	1997	A Câmara Municipal de Tomar adquire o edifício do Cine-Teatro Paraíso.
1909	Inauguração do Salão Paraíso, atual Café Paraíso, com sessões de cinema mudo e espetáculos de teatro declamado ou musicado.	2002	É inaugurado o Cine-Teatro Paraíso, após a nova remodelação.

FICHA TÉCNICA

Coordenação

Município de Tomar - Divisão de Turismo e Cultura
Vereadora da Cultura Filipa Fernandes

Coordenação Editorial

Gabinete de Museologia e Património Cultural
Ana Soares, Andreia Pardal, André Camponês e Patrícia Romão

Secretariado

Cláudia Chora- Gabinete de Museologia e Património Cultural

Investigação e recolha documental

André Camponês
Margarida Gonzalez

Fotografias

Centro de Estudos em Fotografia de Tomar, CEFT - Casa dos Cubos;
Nuno Costa
Neide Martinho - Gabinete de Comunicação e Imagem

Revisão de Texto

Nuno Garcia Lopes - Gabinete de Comunicação e Imagem

Design Gráfico

Duarte Carolino - Gabinete de Comunicação e Imagem

Agradecimentos

A Nuno Costa, neto de Jaime de Oliveira,
pela disponibilização de dados biográficos e fotografias do avô.